

O ESPANHOL COMO LÍNGUA ADICIONAL NA FORMAÇÃO DO SURDO

Bárbara Campos Gines Lorena de Souza (1), Salviana Oliveira Forte (1) e Gueidson Pessoa de Lima (4)

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ginesbarbara@hotmail.com, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, salvianaof@gmail.com e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, gueidson.lima@ifrn.edu.br)

Resumo:

O presente trabalho se propõe a discutir sobre a língua espanhola como língua adicional na formação do sujeito Surdo, buscando identificar elementos que motivem, ou possam motivar esses sujeitos no aprendizado dessa língua. Tal escrito trata-se de um recorte de um trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em Espanhol, vinculado ao IFRN, campus Natal Central, fundamentado nas perspectivas teóricas de Sedycias (2005), sobre o ensino de espanhol no Brasil; Skliar (2009), acerca da educação de Surdos; Strobel (2009), sobre a abordagem histórica da educação de Surdos no Brasil; Fernández (2009), a partir de seus estudos sobre a história da língua espanhola no Brasil; e Teixeira & Ribeiro (2012), sobre a formação cultural e identitária dos sujeitos. Com base nos ditames metodológicos da pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e documental, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com alunos Surdos do curso de Licenciatura em Letras Libras/Português da UFRN e com professores Surdos da mesma Universidade, de maneira a concluirmos que tanto os estudantes, quanto aos professores apresentam interesse em aprender a língua espanhola, e que esta assume papéis relevantes em seu processo de formação e percepções de mundo.

Palavras-chave: Língua Espanhola, Formação, Surdez.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a influência da língua espanhola é consideravelmente antiga, segundo Fernández (2005, p.18), no século XIX, com a enorme crise econômica que a Espanha sofreu, o Brasil foi alvo de mais de quatro milhões de imigrantes, dentre eles espanhóis, que se estabeleceram principalmente nas regiões Sul e Sudeste do país, em busca de refúgio. Desde então, as relações com o povo falante do espanhol passaram a se estreitar.

Em 1956, aconteceria um importantíssimo marco para a difusão do ensino de língua espanhola no Brasil, o presidente Juscelino Kubitschek pediu para o Congresso Nacional criar um projeto de lei a fim de inserir a disciplina de Língua Espanhola no currículo das escolas. Porém, sem sucesso, o projeto foi rejeitado por influências políticas de países rivais que não permitiam que o ensino do espanhol fosse expandido no Brasil.

De acordo com Machado et al (2007), com tamanha rejeição da inserção do espanhol de forma nacional, a língua continuou, por muitos

anos, sendo aprendida somente nas regiões que tiveram maior influência dos espanhóis, os estados de fronteira com os países hispanos e as regiões sul e sudeste do Brasil. Somente no dia 7 de setembro de 2003, depois de inúmeras correções dos textos anteriores, que solicitavam a inclusão do Espanhol no currículo do Ensino Médio do sistema educativo brasileiro, o então Deputado Átila Lira do Piauí consegue a aprovação do projeto e institui-se, de maneira oficial, o ensino da língua espanhola no currículo. Logo após isso, mudanças significativas ocorreram referentes a esse cenário.

Considerado um idioma de prestígio social, político e econômico, é a língua oficial do território da Espanha e também da maioria dos países da América Latina, exceto o Brasil que tem como língua oficial o português brasileiro, o Haiti e a Guiana Francesa que são francófonos. Além disso, o espanhol é a segunda língua oficial de muitas outras regiões de outros países como os EUA – Estados Unidos da América.

Segundo Vargas (2009), a língua espanhola é a terceira língua mais falada do mundo, um dos seis idiomas oficiais da ONU – Organização das Nações Unidas, e a segunda mais escolhida para ser estudada pela população mundial. E é a partir dessa perspectiva de importância e prestígio da língua que o nosso trabalho tem o escopo de analisar como o espanhol, numa óptica de língua adicional pode contribuir na formação do sujeito Surdo diante da visão dos próprios colaboradores da pesquisa.

Diante disso, percebemos a relevância do ensino da língua espanhola e sua inserção, ou melhor, reinserção, no sistema educativo do Brasil tendo em vista os laços fortes que o Brasil tem estabelecido com países circunvizinhos falantes do espanhol, não apenas políticos e econômicos, mas também culturais e sociais. Atualmente, a lei que garantia o ensino do Espanhol como Língua Estrangeira (ELE) no II ciclo do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, por meio do Art.1º que dizia que “O ensino da língua espanhola, de oferta obrigatória pela escola e de matrícula facultativa para o aluno, será implantado, gradativamente, nos currículos plenos do ensino médio” e § 2º que versa que “É facultada a inclusão da língua espanhola nos currículos plenos do ensino fundamental de 5ª a 8ª séries”. Mais conhecida como “Lei do Espanhol” nº 11.161 de agosto de 2005, no ano de 2016 foi revogada, tornando facultativa a oferta do espanhol pelas escolas públicas e privadas, mantendo apenas o ensino da língua inglesa no currículo.

METODOLOGIA

Trata-se de um trabalho pautado nos princípios da pesquisa de natureza qualitativa, exploratória e documental. Qualitativa, pois, segundo Goldenberg (1997 p. 34 apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.31) “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” Ou seja, o pesquisador deve trabalhar com o universo de significados, a subjetividade, as motivações, crenças, valores e atitudes, não conseguindo analisar seres humanos, numa perspectiva reducionista e sim numa óptica holística a fim de descrever, compreender e explicar a espécie humana.

Além disso, de caráter exploratório, porque com base nos estudos de Moresi (2003, p. 9) “A investigação exploratória é realizada em área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado”, ou seja, pelo fato de ser considerada uma pesquisa inovadora e embrionária, onde pouco se discute a respeito dessa temática, pois buscamos, através dessa pesquisa, descobrir os primeiros passos sobre a língua espanhola na formação do sujeito Surdo e perceber se há de fato o interesse em aprender essa língua e quais motivações os levam a isso.

Para tal, foram feitas entrevistas semiestruturadas com um total de seis alunos Surdos graduandos do curso de Letras Libras/Português da Universidade Federal do Rio Grande do Norte de diferentes períodos, além de dois professores Surdos com mestrado da mesma universidade. Dos seis alunos Surdos colaboradores da pesquisa, cinco são do sexo feminino e apenas um do sexo masculino. E os dois professores Surdos, também colaboradores, são do sexo masculino.

A fim de buscarmos os resultados, primeiramente construímos uma entrevista semiestruturada com sete questões, onde as respostas foram gravadas em vídeo na Libras – Língua Brasileira de Sinais, buscando respeitar a primeira língua da Comunidade Surda. As duas primeiras perguntas eram objetivas referentes a dados pessoais e as demais subjetivas. Logo após a autorização dos colaboradores, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), traduzimos as respostas dos entrevistados e as transcrevemos para a língua portuguesa, a fim de analisamos os principais interesses que os colaboradores da pesquisa têm em aprender a língua espanhola.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com Tarallo (1982), entende-se por língua, o sistema de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da

espécie humana. É vista ainda, como parte da cultura, definida pelos diversos pensamentos e discursos dos homens, e que através dela e da linguagem vão se formando as visões de mundo e as relações sociais.

Para Koch (2007), a linguagem humana pode ser resumida em três concepções: a linguagem para explicar e representar o mundo; a linguagem como meio de comunicação entre os humanos, e por último, a linguagem como forma de interação, usada em diferentes contextos por pessoas diferentes. Mas, para que haja de fato essa compreensão e interação, é preciso que não sejam desconsideradas as questões culturais e sociais da língua que se aprende/ensina. É o que afirma Mendes (2010, p. 69), quando diz que “[...] o modo como um estudante irá desenvolver a sua competência linguística vai depender, dessa forma, também do modo como interpreta os implícitos da linguagem”.

No tocante aos Surdos, essa interação social se dá através das línguas de sinais, pelo mesmo motivo de usarmos a língua oral, a necessidade de comunicação, de expressão e compreensão do mundo. Nesse sentido, dentro do sistema educacional brasileiro, é imprescindível que se saiba o papel de uma L3 na vida do aluno. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para Línguas Estrangeiras (2000)

Ao conhecer outra(s) cultura(s), outra(s) forma(s) de encarar a realidade, os alunos passam a refletir, também, muito mais sobre a sua própria cultura e ampliam a sua capacidade de analisar o seu entorno social com maior profundidade, tendo melhores condições de estabelecer vínculos, semelhanças e contrastes entre a sua forma de ser, agir, pensar e sentir e a de outros povos, enriquecendo a sua formação. (BRASIL, 2000, p. 30). Ou seja, com a aprendizagem de uma nova língua, o sujeito estará tendo contato também, com novas culturas que poderá contribuir com a aceitação de sua própria cultura e a compreensão das diferenças. Isso traz enormes contribuições nas relações sociais, na formação da identidade dos cidadãos contemporâneos, bem como ajudar na diminuição da discriminação social, a exclusão de cidadãos.

Para que o sujeito possa aprender uma língua estrangeira, segundo Mello (2002), é essencial o uso de sua L1 como apoio na significação das palavras, nesse caso, é fundamental que o Surdo já esteja totalmente alfabetizado em sua primeira língua para que possa ser acompanhado pela presença de um tradutor/intérprete de Libras na sala de aula, afinal o aluno Surdo se desenvolverá nas habilidades de leitura e escrita da L3. Nesse caso, o ensino de uma terceira língua se dá de forma muito mais desafiadora para sujeitos Surdos, pois em seu

processo de ensino-aprendizagem estarão envolvidas três línguas.

Em um contexto inclusivo, com base na Lei 10.436/02, a Língua Brasileira de Sinais – Libras - é, oficialmente, a primeira língua (L1) dos Surdos brasileiros, sendo utilizada como um meio de expressão, comunicação e de instrução educativa e a Língua Portuguesa sua segunda língua (L2). Nesse caso, qualquer outra língua adicional que esse sujeito Surdo venha a aprender será considerada como sua terceira língua (L3). Assim como nós ouvintes, que temos como nossa língua materna, a língua oral-auditiva, que aprendemos de maneira natural, essa lei garante que a Libras, língua visual-espacial, é a língua materna dos Surdos, sendo aprendida de forma natural por meio da interação dentro da comunidade Surda.

Sobre a importância de se aprender uma L3, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 2006) reforçam que:

[...] a disciplina Línguas Estrangeiras na escola visa a ensinar um idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, cumprir outros compromissos com os educandos, como, por exemplo, contribuir para a formação de indivíduos como parte de suas preocupações educacionais. (BRASIL, 2006, p. 91)

Uma língua estrangeira pode assumir diversos papéis na vida das pessoas, papéis estes que vão muito além da compreensão linguística. A aprendizagem de uma L3 pode contribuir na formação cultural, política, social e profissional do sujeito, seja ele, Surdo ou não. Segundo o PCN-LE (1998, p. 38) as línguas estrangeiras são fundamentais para a formação integral dos sujeitos, pois proporcionam novas experiências de vida e contribuem para a compreensão de outras culturas, a qual não são pertencentes.

Para a realização da presente pesquisa, entrevistamos oito Surdos que usam a Libras como L1. Dentre eles, dois professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e seis alunos Surdos do curso de graduação Licenciatura em Letras Libras/Português como L2 da mesma Universidade. Cada aluno ou professor apresenta uma diferente motivação para a aprendizagem de uma língua estrangeira, dentre elas destacamos as considerações acerca do ELE. A entrevista foi estruturada em sete perguntas, apenas para fins de norteamto, porém os entrevistados ficavam livres para se expressarem, sem restrição de tempo e de palavras.

Tabela 1 – Perguntas da entrevista

Subjetivas	III. Estudou alguma língua estrangeira antes de entrar na universidade? Se sim, qual?
	IV. Já precisou usar (ler ou escrever) a língua espanhola em algum momento da sua vida? Relate sua experiência.
	V. Qual a língua estrangeira mais importante em sua concepção? Por quê?

	VI. É importante saber outra língua? Por quê?
	VII. Você acha importante fazer um curso de língua espanhola? Se sim, por quê?

Fonte: elaborado pela pesquisadora

A fim de facilitar nossa análise e discussão das entrevistas, agrupamos as discussões por perguntas e as respostas dos alunos colaboradores (A1, A2, A3, A4, A5 e A6) separadamente das respostas dos professores colaboradores (P1 e P2), a seguir:

Quando questionamos se já haviam estudado alguma língua estrangeira antes de entrar na Universidade, os alunos Surdos responderam respectivamente que: A1 afirma que somente estudou a língua inglesa, A2 diz ter estudado português, inglês e espanhol, A3 afirma ter estudado somente o inglês, A4 estudou inglês e espanhol, A5 diz que estudou as línguas inglesa, espanhola e japonesa e A6 apenas estudou o inglês.

Percebemos diante das respostas que 50% dos alunos Surdos somente tiveram o contato com a língua inglesa antes de entrar na Universidade e que, nesses casos, foi em decorrência da não oferta dessa disciplina no currículo na época em que cursaram o II ciclo do Ensino Fundamental ou Ensino Médio. A outra metade dos alunos afirma ter tido a disciplina de espanhola no Ensino Médio ou ter feito um curso de idiomas de outra língua estrangeira, como afirma A5 que estudou a língua japonesa.

Sobre a pergunta de número IV, A1 afirma que precisou da língua espanhola em vários momentos: ler legendas de TV, livros ou trechos de textos que lhe interessava; A2 afirmou ter precisado duas vezes do uso das línguas inglesa e espanhola: “uma vez para a prova do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio e a outra para comunicação com um americano”; A3 relatou que viajou para o Chile e precisou se comunicar através da escrita, mas teve muita dificuldade; A4 diz ter precisado para fazer a prova do ENEM; A5 precisou usar para a prova do ENEM, para assistir séries da televisão e para ler informações, notícias internacionais e por fim A6 afirma ter precisado somente para p ENEM.

Em consonância com as respostas obtidas, refletimos que assim como os ouvintes, os Surdos também sentem a necessidade da aprendizagem da língua espanhola, pois há a exigência de seu uso por diversas vezes em diferentes contextos, seja ele comunicacional, de caráter informativo, turístico, acadêmico, entre outros. Diante disso, segundo as perspectivas teóricas de Cabré e Gómez de Enterría (2006, p. 10-11), nas últimas décadas, percebe-se um considerável aumento pelo interesse em aprender novas línguas por diversos motivos específicos. Esse

aumento se deve pela demanda de exigências dos movimentos globalizadores que “obrigam” que cada vez mais se tenha conhecimento plurilinguístico comunicacional.

Quando questionados sobre qual língua estrangeira é mais importante em sua concepção e o porquê, A1 afirma ser o inglês, pois é a mais usada nas relações políticas e tem maior influência nos países; A2 acredita que as línguas inglesa e espanhola são as mais importantes, pois são línguas mundialmente utilizadas como primeira, segunda e até como terceira língua; A3 afirma ser a língua inglesa pelo fato de ser a mais falada; A4 diz ser a língua espanhola a mais importante para os brasileiros aprenderem por ser o Brasil um país rodeado de países hispano falantes; A5 diz ser a língua inglesa, porque a maioria das pessoas falam essa língua e é importante para a vida profissional, principalmente na área da informática e A6 afirma ser a língua portuguesa, pois a consideram como sua língua estrangeira.

Apesar de muitos dos entrevistados acreditarem na importância de aprender uma língua de modalidade oral-auditiva na sua forma escrita, ainda existe uma resistência por parte de alguns Surdos a essa aprendizagem, acreditando ser fundamental o conhecimento das línguas de modalidade visual-espacial. Isso pode ocorrer por diversos motivos, um deles é a falta de práticas pedagógicas de fato inclusivas vivenciadas pela maioria dos Surdos nas salas de aula das escolas regulares brasileiras, relatadas pelos próprios entrevistados que em sua maioria teve muita dificuldade em dominar a leitura e a escrita da Língua Portuguesa, quem dirá de outra língua estrangeira.

Além disso, percebemos que a língua inglesa é citada como uma das mais importantes para ser aprendida, visto que as exigências do mercado estão estritamente ligadas a ela. Mas acreditamos que não seja apenas isso. Percebemos uma resistência na aprendizagem da língua espanhola por parte de alguns entrevistados que provavelmente seja fruto da desvalorização dessa língua aqui no Brasil. Seja na educação, na economia, na política ou até mesmo na cultura.

Mas, a língua espanhola sempre esteve perto desse patamar. Em contextos internacionais para a comunicação profissional, o espanhol ganha destaque a partir da internacionalização da economia, dos fenômenos migratórios, da crescente população hispânica nos EUA, dos programas de intercâmbio para professores, pesquisadores e alunos, bem como o destaque que a área de estudos de segundas línguas ou de línguas estrangeiras tem, na construção do perfil dos sujeitos. Para Aguirre Beltrán (1998, p. 6-7) a língua

espanhola é a ascensão dos setores acadêmicos, de negócios, turismo, etc.

Perguntamos então, se era importante saber outra língua e por que. Nesse caso o colaborador A1 afirma ser importante para fins comunicacionais, para viagens turísticas e acadêmicas e para compreender as notícias que estão circulando no mundo; A2 acredita na importância da comunicação entre Surdos e ouvintes e por isso deseja aprender mais línguas; A3 diz que aprender uma língua estrangeira ajuda na comunicação e na interação entre os países; A4 acredita que saber outra língua é importante para entender as culturas, os costumes dos outros países; A5 diz que saber outra língua ajuda na vida acadêmica e profissional das pessoas, pois o mercado de trabalho exige esse conhecimento e a entrevistada A6 acredita que é muito importante para o Surdo aprender a língua portuguesa para poder ler os textos, ter acesso a Universidade e se comunicar com os ouvintes.

No que concerne às respostas dos colaboradores a respeito da importância da aprendizagem de uma língua estrangeira, percebemos que todos veem importância em aprender uma língua estrangeira seja ela qual for, por diferentes motivos: acadêmico, profissional, cultural, informativo, social, entre outros.

Dessa forma, pudemos percebermos que as línguas estrangeiras são necessárias na formação do sujeito Surdo globalizantes, para os manterem informados política e economicamente, para a sua inclusão em cursos superiores, de pós-graduação, do mercado de trabalho, etc.

E por último, quando questionados se achavam importante fazer um curso de língua espanhola e por que, o aluno A1 afirma que sim, por motivos comunicacionais e acadêmicos; A2 afirma que sim, por interesse comunicacional e para a conquista de um bom emprego (profissional); A3 diz que sim, a língua espanhola precisa ser aprendida para melhor a comunicação entre Surdos e ouvintes; A4 diz que sim, para aprender mais sobre a cultura dos nossos países circunvizinhos; A5 relata que sim, fazer um curso de língua espanhola é muito importante para o crescimento profissional e acadêmico do indivíduo e a aluna A6 diz não ser importante aprender a língua espanhola.

Para melhor esquematizar as respostas da pergunta VII, descrita anteriormente, construímos um gráfico motivacional que expõe os interesses que levam os alunos Surdos (A1, A2, A3, A4, A5 e A6) colaboradores da pesquisa a aprenderem a língua espanhola:



Gráfico 1. Motivos citados pelos alunos Surdos participantes

Como se pode perceber, no gráfico acima, proveniente da questão sete da entrevista, as motivações dos alunos em aprender a língua espanhola, no geral, são bem variadas. Porém, o interesse comunicacional foi um dos mais relatados. Logo em seguida, as motivações de formação acadêmica, aprovação em concursos, exames de seleção, mestrado e doutorado, no mesmo patamar de interesse profissional, na ascensão da carreira, é consideravelmente um fator que os levam também a se interessarem pela aprendizagem do idioma, e por último o interesse na formação cultural. Apenas uma das entrevistadas relatou não ter interesse na língua espanhola como Língua estrangeira no momento. Para ela, a língua estrangeira que deve ser aprendida pelo Surdo é a Língua portuguesa ou alguma língua de sinais de outro país, como a ASL que foi relatado por quatro participantes como essencial para a comunicação entre os Surdos do mundo todo.

Ambos os professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN (P1 e P2), estudaram inglês e espanhol no Ensino Médio. P1 precisou fazer um curso de língua espanhola para a proficiência do mestrado e P2 usou o inglês em sua proficiência, porém precisou da língua espanhola quando viajou para a Argentina e para o Uruguai.

Quando questionados sobre qual a língua estrangeira mais importante em sua concepção e por que, P1 e P2 afirmam ser a língua inglesa, porém P1 diz ser pelo fato de serem línguas mundialmente conhecidas, e quem sabe essa língua consegue se comunicar em quase todos os países facilmente e P2 relata ser porque como é da área de Informática, acredita ser mais importante para sua área, pois seu trabalho com Moodle, manutenção de softwares e hardware, impressoras, programação, etc. exige esse conhecimento da língua inglesa.

Questionados sobre a importância de saber outra língua, P1 afirma ser importante para a comunicação e vida acadêmica e P2 diz ser importante para a vida profissional e comunicacional. Ambos têm conhecimento de nível

intermediário/avançado nas línguas: portuguesa, Língua de Sinais Americana (ASL) e a Língua de Sinais Internacional (LSI). E acreditam que aprender a língua espanhola pode contribuir na formação do sujeito Surdo, no que tange a inclusão comunicacional. O entrevistado P2 relata que “a língua espanhol tem muita importância para o turismo, para recebermos estrangeiros em nosso país e para nos comunicarmos quando formos viajar para fora”.

Percebemos, a partir de nossas entrevistas, finalidades específicas diferentes que os levaram ou os levam a querer aprender uma língua estrangeira. Fins profissionais, como foi o caso do colaborador P2, que por ser da área de tecnologia da informação percebe a importância desse conhecimento linguístico para devidos fins. Para fins acadêmicos, como foi o caso do professor P1 que precisou da língua espanhola para a proficiência do seu mestrado. Além disso, com o propósito turístico/comunicacional, a fim de conseguir melhor se comunicar nas viagens que faz para o exterior, como relatado por ambos os professores (P1 e P2).

CONCLUSÕES

Com a realização das entrevistas, pudemos concluir que tanto os estudantes e os que já atuam na área de formação, os professores, independente da área, possuem algum tipo de interesse em aprender a língua espanhola, porém, aqueles que atuam profissionalmente na área de informática demonstraram maior interesse pela língua inglesa, e aqueles que costumam fazer viagens ou tentar novos cursos de graduação por meio do ENEM, fazer mestrado e/ou doutorado, declaram em sua maioria preferir a língua espanhola. Apenas um dos entrevistados se opôs a essa aprendizagem, relatando não necessitar tanto de uma língua estrangeira que não seja a Língua Portuguesa.

Por meio das análises das entrevistas foi possível inferir que a língua inglesa ainda é a língua de mais interesse. Embora muitos deles tenham relatado ter mais importância a língua inglesa, quase todos os entrevistados creem que é fundamental aprender a língua espanhola, já que estamos em um país rodeado por outros países falantes do espanhol e com fortes relações político-econômicas, como o MERCOSUL, com exceção de apenas uma aluna colaboradora, que não vê importância em aprender a língua espanhola.

Nesse caso, destacamos que diante de todas essas contribuições nas vidas acadêmica, profissional, social e cultural, o maior de todos é o fomento a inclusão.

Considerando a revogação como uma enorme perda cultural e social, além de política e econômica para nosso país e seus cidadãos, acreditamos que o ensino de língua espanhola é de suma importância por estarmos extremamente próximos não só geograficamente, mas também linguisticamente dos países hispanos, que esse trabalho se justificou e buscou identificar como a aprendizagem dessa língua tão usada para fins comerciais, turísticos, profissionais, acadêmicos, entre outros, pôde contribuir na formação dos cidadãos brasileiros, mais especificamente os cidadãos com surdez, focando na aprendizagem do Espanhol como Língua Estrangeira (ELE) em sua modalidade escrita.

Com isso, a aprendizagem dessa língua pode contribuir ao sujeito Surdo proporcionando contato com outras culturas, conhecimentos linguísticos, e viabilizando ascensões acadêmicas, o que desperta interesse por parte desse grupo. A partir disso, entendemos que esse interesse está relacionado também com o histórico educacional de cada colaborador, com as experiências nas aulas de língua estrangeira, sobretudo no ensino da língua espanhola, o que repercute na valorização dessa língua por parte do Sujeito, o qual, conforme constatamos em nossa pesquisa, por motivos de falta de intérprete de língua de sinais e da utilização de estratégias adequadas de ensino que levassem em conta suas idiossincrasias, não conheciam essa língua.

Em suma, concluímos que a língua espanhola pode acrescer à formação do sujeito Surdo, se considerando suas especificidades no campo linguístico e cultural, bem como, seu interesse pessoal na busca pelo aprendizado de uma nova língua, de modalidade diferente da sua língua primeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE BELTRÁN, Blanca (1998): «**Enfoque, metodología y orientaciones didácticas en la enseñanza del español con fines específicos**», La enseñanza del español para fines específicos, Carabela, 44. Madrid: SGEL, 5-29.

BRASIL. **Dispõe sobre o Ensino do Espanhol na Educação Fundamental e Média**. Lei nº. 11.161, de 05 ago. 2005. Acesso em 17 nov. 2017.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 120. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf. Acesso em 08 de Dez. de 2017.

CABRÉ, M^a Teresa y Josefa GÓMEZ DE ENTERRÍA. **La enseñanza de los lenguajes de especialidad**. La simulación global, Madrid: Gredos, 2006.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **El Español en Brasil**. In: SEDYCIAS, João. (Org.). **O Ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 18-24.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.) . **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. V. 1. 118p.

KOCH, Ingedore. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2004.

MACHADO, Rachel; CAMPOS, Ticiania R. de; SAUNDERS, Maria do Carmo. **História do Ensino de Línguas no Brasil: Avanços e Retrocessos**. Revista HELB, Ano 1, nº. 1. Disponível em <<http://www.unb.br>>. Acesso em 17 nov. 2017.

MELLO, H. A. B. **O Português é uma alavanca para que eles possam desenvolver o inglês: Eventos de Ensino-Aprendizagem em uma sala de aula de ESL de uma escola bilíngue**. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 17 nov. 2017.

SEDYCIAS, João. **O Ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: _____. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998b. p. 7-32.

TEIXEIRA, Cássia dos Santos; RIBEIRO, Maria D'Ajuda Alomba. **Perspectivas interculturais no ensino de línguas**. Revista Litteris, n.9, mar. 2012. p. 283-294. Disponível em: http://revistaliter.dominiotempora-rio.com/doc/PERSPECTIVA_. Acesso em: 11 de Dez. de 2017.

VARGAS, Fabio Aristimunho. **Poesia Espanhola – Das origens à Guerra Civil**. Hedra: Brasil, 2009.